

QUO NON ASCENDET?*

O motto da família de Fouquet insinuava suas origens e suas ambições, levadas ao extremo e perfeitamente exemplificadas por Nicolas Fouquet. A história de Fouquet é fonte rica de recursos para conhecer a realidade política francesa do século XVII. Procurarei nesse texto apresentar esse período da história da França através de uma curta biografia daquele que foi um dos homens mais influentes da Coroa francesa, mas que morreu preso após ter tido seus bens confiscados pelo Rei; a história de uma rápida ascensão e de uma vertiginosa queda.

Para compreender a vida de Fouquet é essencial conhecer um pouco mais por sobre sua origem, a verdadeira e a reivindicada. O sobrenome Fouquet (que no dialeto angevino significa “esquilo”) era comum a algumas famílias nobres na região do Anjou, e foi a uma delas que no século XVI a família de Nicolas reivindicou ligação, alegando que durante o século XV a família tinha passado por dificuldades financeiras, só tendo se recuperado então. Nicolas Fouquet inclusive apresentou os papéis que comprovariam a sua origem nobre ao então juiz de armas da França, Pierre d’Hozier, que então lhe escreveu que “*mais vale apenas um livro em ouro puro, do que dois livros de metal corrompido*”, acusando a origem falsa dos papéis apresentados, e negando a atestação de nobreza. A família Fouquet começou a ganhar importância no século XVI, graças ao sucesso do comércio de tecidos, e não tarda a ter um representante no Parlamento de Paris, no qual a presença de pessoas oriundas da *noblesse de robe* era crescente. A família Fouquet não se afastaria dessa posição até queda de Nicolas.

François Fouquet, pai de Nicolas, havia conseguido escalar posições ainda mais altas dentro da administração do reino, tendo seu ponto mais alto com o cargo de Conselheiro de Estado, o que indicava a grande proximidade daquele com o primeiro-ministro da França, o cardeal Richelieu, que foi alçado ao cargo após a morte de Luís XIII, administrando o Reino já que o seu herdeiro, Luís XIV, tinha então apenas 5 anos.

O cardeal Richelieu é uma figura de extrema importância na história da França absolutista, responsável por uma forte aproximação da Igreja Católica com o Estado, inclusive financeiramente, conseguindo apoio irrestrito da Igreja aos seus ensejos, e lutando ativamente pela Contra-Reforma. Além do pulso rígido com que governou, foi um dos maiores responsáveis pela consolidação do poder centralizado nas mãos da monarquia absolutista, levando-o a fortes conflitos contra os “*les Grandes*”, os nobres herdeiros dos privilégios feudais, que lutavam para assegurar seus antigos direitos.

François Fouquet permanecerá bastante ligado ao poder central mesmo após a morte de Richelieu, e estabeleceu laços quase tão próximos com o novo primeiro-ministro, o também cardeal Mazarin, quanto os que tinha com o antecessor. É durante esse novo período que o jovem Nicolas Fouquet, com apenas 20 anos, inicia sua carreira como advogado no Parlamento de Paris, em 1635.

Nicolas teve uma educação aos moldes da que seu pai recebeu, e que era dada a quase todos os filhos da burguesia que ascendia ao poder através da compra de cargos administrativos, mas que buscava se enobrecer através da educação. Foi aluno dos jesuítas, que controlavam quase todo o ensino de alto nível no período, entrando desde cedo nos estudos clássicos, através dos quais aprendeu latim e grego, além das artes, do direito e da matemática. A educação que lhe foi dispensada pelos jesuítas o marcou profundamente, e ele foi mesmo considerado como o modelo do que era a educação jesuíta. O amor pelas artes era nítido na sua atuação como mecenas, que será explorada

* “Até onde não subirá?”

mais adiante. Nicolas mostrou-se bastante eficiente nas competências que adquiriu, e se foi graças à sua eficiência que obteve sucesso nos cargos administrativos, foi graças à compra de cargos que conseguiu seu primeiro posto como advogado no Parlamento, assim como diversas outras posições posteriores.

Graças ao dote recebido quando do seu primeiro casamento, com a filha de um conselheiro do Parlamento, e à morte do seu pai, no mesmo ano, Nicolas Fouquet conseguiu acumular uma pequena fortuna, aumentada posteriormente com a herança recebida após a morte da sua esposa, poucos anos após o casamento. Somas que, entretanto, estavam muito longe dos valores que ele viria a acumular.

Não tardou muito para que Nicolas escalasse alguns cargos, e apenas 8 anos após o início da sua carreira ele já havia sido alçado à função de representante direto do Rei nas fronteiras setentrionais. A Coroa da França lutava por uma maior influência na Europa continental, entrando em choque com aquele que era o maior império, o dos Habsburgo, no qual os países mais poderosos eram a Espanha e a Áustria. Sem querer perder sua hegemonia européia, a guerra rapidamente é declarada. Os conflitos fizeram parte de uma guerra que envolveu quase todos os países europeus e ficou conhecida como Guerra de Trinta Anos, por razão óbvia. A guerra vai atingir as fronteiras sudoeste (nos Pirineus, contra a Espanha), leste (contra a Áustria) e norte (apoiando as Províncias Unidas, que lutavam por sua independência contra Espanha). A nomeação de Fouquet indica a forte confiança que o cardeal Mazarin lhe depositava. Sua competência no cargo lhe garantirá a ascensão ao posto de Intendente do Exército do Norte, controlando todas as forças militares na região. A experiência que Fouquet adquiriu nesse período mostrou-se, posteriormente, bastante proveitosa.

Um ano após sua nomeação para a intendência das forças do norte estourava um novo grande conflito, porém dessa vez vinha de dentro do reino, causando inclusive a saída da França da Guerra de Trinta Anos. O conflito ficou conhecido como a *Fronde*, e foi causado por uma grande insatisfação da aristocracia e da crescente burguesia contra a política da Coroa. Os seguidos aumentos de impostos, atingindo sobre tudo os grandes proprietários de terras, ou seja, a *noblesse d'épée* e a *noblesse de robe*, sendo estes últimos os iniciadores do conflito. A revogação de um decreto real feito por Ana da Áustria, já que seu filho ainda não tinha atingido a maioria, pelo Parlamento de Paris deu início ao conflito. A nobreza, por sua vez, estava insatisfeita não apenas que o aumento e a criação de novas taxas, mas também com a política centralizadora do poder na mãos da família real, sem consultar ou entrar em acordo com ninguém. A guerra durou 5 anos com a vitória da Coroa sobre os rebelados, e devastou a economia francesa. Durante todo o conflito Fouquet se manteve fiel à Coroa, apesar da sua origem, e conseguiu intermediar o conflito dentro do Parlamento (em 1650 ele adquiriu o cargo de Procurador Geral do Parlamento de Paris do seu antigo ocupante) e suas intervenções eram sempre ouvidas com atenção. Durante o conflito ele se casa pela segunda vez, com uma filha de um conselheiro do Parlamento, consolidando assim a sua posição econômica e social.

Com o fim da *Fronde* Nicolas teve sua fidelidade recompensada pelo cardeal Mazarin, sendo indicado para o cargo de Superintendente de Finanças da França, junto com Abel Servien. Entretanto a dupla indicação revela a recusa de fornecer a Fouquet o poder de controlar sozinho todas as finanças da Coroa, pois Mazarin temia que Nicolas viesse a ocupar uma posição que pudesse rivalizar com o próprio cardeal, e que ele identificasse os vultosos desvios cometidos pelo cardeal para seu enriquecimento pessoal. Ficou então Servien responsável pela administração dos recursos, enquanto Fouquet tinha como função conseguir recursos para a Coroa, pois eles normalmente não

chegavam a um consenso sobre que ações se deveriam tomar. A divisão foi necessária então para que a Superintendência de Finanças pudesse realmente funcionar.

Nicolas Fouquet estava então muito perto do ápice, e fez então tudo o era necessário para alcançá-lo. O cargo que ele ocupou era um dos mais cobiçados da França, mas também um dos mais problemáticos. A Guerra de Trinta Anos e a *Fronde* haviam levado as finanças do reino a um estado desastroso. Fouquet inicia então uma série de reformas, inclusive mudando a cotação da moeda em relação ao ouro, que melhora a oferta de crédito, mas por pouco tempo. No ano seguinte a crise volta a se agravar, e Fouquet então empreende reformas e se utiliza de seus próprios recursos para ganhar a confiança dos financiadores, e restabelecer o crédito para o Rei. Os seus gastos como financiador de diversos artistas, e a exuberância com que Fouquet vai se cercar servia como parte da atuação dele para assegurar a confiança dos investidores, pois ele além de servir pessoalmente como financiador do Estado possuía ainda tantos recursos para se cercar de luxo e das artes, então provavelmente ele poderia honrar o pagamento dos empréstimos feitos à Coroa.

É notável o investimento de Fouquet como mecenas, não apenas pelo número de artistas que financiou, mas principalmente pela qualidade destes. Citando apenas alguns dos nomes mais conhecidos, estavam entre estes o músico Lulli (1632-1687), o dramaturgo Molière (1622-1673), o escritor La Fontaine (1621-1695), o pintor e decorador Le Brun (1619-1690), o arquiteto de jardins Le Nôtre (1613-1700) e o maître e cozinheiro Vatel (1631-1671), mais conhecido por ter sido o criador do Chantilly e por ter se suicidado horas antes de um jantar oferecido para o rei Luís XIV, pois os peixes e os frutos do mar não chegaram a tempo. Através dessa pequena lista pode-se vislumbrar o leque que atividades artísticas financiadas Fouquet, mas também uma das suas contribuições mais importantes seja a criação de uma manufatura de tapeçarias em Maincy, domínio próximo ao seu Château pessoal, o luxuoso Vaux-le-Vicomte. Sua manufatura obteve a certificação real de qualidade em tapeçarias de *haute-lisse*. Empregava quase 300 artesãos, incluindo 19 tapeceiros flamengos que foram trazidos para melhor desenvolver a técnica na França.

As reformas nas finanças tiveram sucesso, mas não tinham sido suficientes para sanar completamente o problema financeiro da Coroa. Fouquet decide então que novos impostos devem ser criados, medida que encontra forte resistência no Parlamento de Paris, e foi justamente durante a discussão para a votação dessa medida que uma conhecida cena, protagonizada pelo rei Luís XIV, ocorreu. Vestido com suas roupas de caça, o rei irrompe no Parlamento e diz: "*L'état c'est moi!*", deixando claro sua disposição de não tolerar a interferência do Parlamento na sua autoridade.

Fouquet iniciou com a compra da Belle Isle, uma ilha na costa da Bretanha, seus investimentos na construção de navios e no comércio colonial, nos quais a França estava bastante ausente, principalmente após a morte do cardeal Richelieu, que havia se dedicado a fortalecer a posição da França nesse mercado, com algum êxito.

Em 1659, Abel Servien morre, deixando Nicolas Fouquet sozinho na posição de Superintendente de Finanças. Fouquet então descobriu até onde ele subiria. Daí em diante, descobria apenas o quão rápido se pode cair. Com a morte do cardeal Mazarin, Nicolas almeja então o posto de primeiro-ministro que agora se encontra vago, mas é surpreendido pela decisão de Luís XIV de governar ele próprio o destino do reino. A extinção do cargo de primeiro-ministro torna o posto ocupado por Fouquet como um dos mais importantes do reino, e a cobiça por sua posição só aumenta. Mesmo avisado por seus amigos sobre uma crescente articulação para derrubá-lo, porém pouco se preocupa.

Se por um lado Nicolas pouco se preocupava, do outro lado o seu maior opositor se articulava. Colbert, que era conselheiro de Estado e manteve relações muito próximas com o cardeal Mazarin, viu na morte deste a oportunidade para ocupar seu lugar. Se o cargo de primeiro-ministro havia sido extinto, a lugar de maior conselheiro do rei ainda não tinha sido ocupado. Rapidamente Colbert se aproximou do rei e começou a tecer suas críticas à Fouquet, acusando-o de desvios e de conspiração contra o rei. Luís XIV provavelmente sabia que os desvios eram comuns, e viu na acusação de Fouquet uma possibilidade de ocultar os desvios de Mazarin, que havia sido amante de sua mãe, Ana da Áustria. Os desvios de Mazarin ultrapassavam em muito qualquer desvio que Fouquet possa ter feito. Além disso, cada vez mais a figura de Fouquet eclipsava a do próprio rei, que não aceitava rivais.

O pretexto para a prisão de Fouquet é justamente uma recepção preparada por este ao rei da França, que foi a mais luxuosa que havia sido preparada até então no reino, contando inclusive com a participação de todos aqueles ilustres nomes citados anteriormente e que formavam a “corte” de Fouquet. A visão da exuberância do palácio de e da luxuosidade da recepção vão influenciar fortemente na decisão de transformar um dos pavilhões reais de caça, nas cercanias de Paris, no maior e mais luxuoso palácio do mundo: Versailles.

Menos de duas semanas após a recepção, Fouquet é preso por d’Artagnan sob acusação de peculato de crime de lesa-majestade. Uma corte de exceção é criada para julgá-lo, pois sua posição dentro da administração real impedia um julgamento em corte comum. Nicolas Fouquet assume a própria defesa no tribunal, e ao poucos vão tornando o julgamento ao seu favor. É inclusive inocentado por um dos juízes das duas acusações, mas condenado por abuso e desvio. Os outros dois juízes, submissos à vontade do rei, pedem pela pena capital, um desses juízes era justamente o tio de Fouquet. Os juízes discutem a matéria e definem pela condenação de Fouquet ao banimento e o confisco de todos os seus bens. Porém Luís XIV se utiliza de sua prerrogativa real e transforma o banimento em prisão perpétua. Só escapou da pena de morte graças a forte interferência e influência de seus amigos e dos artistas que o cercavam. Preso, ficará quase 10 anos impossibilitado de fazer qualquer contato com o mundo exterior à fortaleza de Pignerol, nos Alpes. Morreu em 1680, na cadeia, após 18 anos de prisão.

Nicolas Fouquet é hoje considerado como uma das primeiras vítimas do poder absolutista francês, identificado com a figura do rei Luís XIV, que não divide poder nem aceita adversários e, principalmente, que é capaz de confiscar tudo que lhe é interessante e necessário. Uma frase de Voltaire representa muito bem a vida de Fouquet: “*Às seis da noite, ele era o rei da França; às duas horas da manhã seguinte, ele não era mais nada*”, se referindo à recepção no Vaux-le-Vicomte.

Lucas Bittencourt